Faust Brădescu

ANTIMAQUIAVELISMO LEGIONÁRIO

EDIÇÕES NOSSA LUTA
NACIONAL- RADICAL - SOCIAL

Faust Brădescu (1912-2000) foi um filósofo romeno, doutor em direito pela Universidade de Bucareste e doutor em filosofia política depois de estudar em Paris.

Faust Brădescu fazia parte da jovem elite intelectual que encontrou na Guarda de Ferro a personificação dos seus nobres ideais. Tornou-se um dos líderes do Movimento Legionário e continuou a luta após a Segunda Guerra Mundial e a invasão da Roménia pelos exércitos soviéticos. No exílio, dirigiu nomeadamente a revista Dacia, que publicou documentos relativos à Guarda de Ferro, nomeadamente este livro, Antimaquiavelismo Legionário. Todas as edições traziam na capa estes dois slogans: "Pro patria semper" e "Aprinde mai bine o luminita decat sa blestemi intenericul" ("Pela pátria sempre" e "Melhor acender uma pequena lanterna do que amaldiçoar a escuridão"). .

Atuou como professor de direito e filosofia política na Universidade Pro Deo do Rio de Janeiro, antes de retornar à França em 1971. Permaneceu como um dos principais atores do Movimento Legionário pelos estudos que produziu, pelos eixos programáticos que definiu e a documentação que ele distribuiu.

Faust Brădescu foi o colaborador mais próximo de Horia Sima e continua a ser, com os 48 livros que publicou, o especialista indiscutível da Guarda de Ferro.

A força, assim como os valores morais no sentido estrito da palavra, é eterna. Toda a cultura, toda a civilização de uma época gira em torno destas duas noções fundamentais e, na medida em que se domina a mentalidade do indivíduo ou das comunidades histórico-sociais, podemos dizer que se trata de uma época de decadência, de transição ou de transição. pleno desenvolvimento.

Neste estudo, onde procuramos explicar a posição do Movimento Legionário face à extensão ilimitada das tendências materialistas, emergentes da concepção maquiavélica, partimos do axioma de que, na história da humanidade, o "político-moral "binário é indissolúvel e primordial. Como disse Traian Brăileanu.

"[...] só quando a arte, a religião, a política, a economia e a ciência estão subordinadas à moralidade, e quando não prejudicam o prestígio e o poder das normas morais, é que uma comunidade humana se torna resiliente e pode manter a sua unidade ao longo dos séculos." 1

Nossa comparação se limitará aos dois extremos, deixando de fora da análise a evolução muito curiosa e caprichosa do maquiavelismo depois de Maquiavel.

Neste momento, mais do que nunca, utilizamos fórmulas estereotipadas para destruir os laços que unem, ou deveriam unir, a política e a moralidade. É por isso que podemos dizer que as noções maquiavélicas se tornaram simples argumentos maquiavélicos, formas extremas de uma concepção já desviada desde o início.

_____

1 - Traian Brăileanu, Sociologia si arta guvernării (em romeno), Cartea Românească, Bucareste, 1940, 2ª edição, p. 247

Os preceitos que hoje norteiam tanto a ação do político quanto o pensamento do doutrinário respiram a influência materialista e utilitarista do secretário florentino. Ora, segundo a concepção legionária:

"A verdadeira [política] exige sacrifício constante por parte do indivíduo. Um político deve considerar-se chamado a zelar pelos interesses de todos e só poderá cumprir esta missão renunciando a qualquer interesse pessoal." 2

Segundo esta declaração categórica, o político maquiavélico perde toda a substância prática, tende a desaparecer do cenário dos grandes acontecimentos políticos e sociais. No lugar do vício do homem, deve ser estabelecida a força moral do homem, a virtude do homem.

Infelizmente, o que aprendemos com a concepção de Maquiavel não são os sentimentos patrióticos que o preocuparam e que, em última análise, o levaram a escrever sobre política; pelo contrário, apenas os meios "extralegais" e "antiprogressistas" pelos quais Maquiavel via a única possibilidade, para a Itália, de ser um dia unido, forte, calmo e. Foi, no entanto, uma opinião puramente pessoal, emocional, aplicável a um certo estado de coisas e a um certo tempo. A teoria política de Maquiavel foi mais um grito de desespero do que uma convicção ideológica. Qualquer pessoa, em condições históricas semelhantes e imbuída do patriotismo de Maquiavel, pode expressar ideias de extremismo exagerado.

A era da Renascença dificilmente poderia ter dado origem a um movimento político baseado na moralidade. O conceito ético da vida foi um tanto manchado pelas ações e deserções da Igreja que eram um pouco terrenas. A religião apareceu mais como inimiga do que como suporte, como obstáculo ao desenvolvimento do impulso vitalista do homem liberto dos preconceitos medievais. A ética reteve, para Maquiavel, como para toda a sua geração, o cheiro de um mosteiro retrógrado, de oposição aos problemas estatais e nacionais. O voluntarismo filosófico de Guillaume Occam já havia criado uma corrente favorável à ação direta e independente.

---

2 - Horia Sima, Dos movimentos nacionales (em espanhol), Madrid, Ed Europa, 1960, p. 104.

Para Maquiavel, a aplicação de preceitos éticos na actividade política teria significado tanto a não realização do sonho nacional como a possível recaída do homem nos braços da Igreja, ou seja, numa forma político-social incompatível com a evolução. e aspirações do povo. A tendência geral conduzia ao rompimento total das relações, até então tão estreitas, entre o Estado e a Igreja. Não surpreende, portanto, que a ética – base da Igreja – aparecesse como um elemento retrógrado, perigoso e inaceitável, enquanto a ação direta, a força, a imoralidade ou a amoralidade aparecessem como garantia de vitória.

Quando o Movimento Legionário lançou os seus preceitos baseados na ética e na dignidade, a situação histórica era completamente diferente. Já não é a Igreja e os seus preceitos que constituem pressão sobre a evolução dos povos, mas, pelo contrário, os resultados extremos dos princípios materialistas e utilitários enunciados em termos de doutrina por Maquiavel no início da era moderna. Estes quatro séculos de história foram contaminados pelo gênio cínico e desrespeitoso do florentino. A brutalidade, a força, a perfídia caracterizaram o desejo de poder e de dominação do indivíduo em geral, do político em particular.

A humanidade do século XX não precisava de impedir o regresso a uma forma anterior, mas de travar uma evolução distorcida que empurrava as pessoas para um materialismo feroz e para uma negação total de qualquer tendência espiritualista. Tornou-se necessário ver o surgimento de uma nova ética política e de um novo estilo de vida. Ao contrário do período renascentista, já não se tratava de uma questão de moralidade levada ao extremo e que impedia o desenvolvimento do homem; pelo contrário, a ética, no seu sentido mais amplo e elástico, era inexistente. O homem distanciou-se completamente dos seus preceitos mais básicos, completando na verdade o esforço teórico de Maquiavel para separar a política da moralidade.

Exatamente quatrocentos anos após a morte de Maquiavel (1527-1927), nasceu a Legião. Baseado nos princípios morais e na sua conciliação com a política, o Movimento Legionário representou o contra-maquiavelismo. Foi a reação lógica do espírito humano diante da desintegração de todas as instituições sociais e políticas, antes do surgimento dos instintos primários, do egoísmo, do utilitarismo, das tiranias. Para que a atmosfera de decadência do mundo moderno se transformasse, o homem teve que ser arrancado deste magma destrutivo. Uma vez realizada a modificação da mentalidade do indivíduo, o retorno da moralidade ao circuito político poderia ser tentado. A concepção romena parte de premissas simples e lógicas, a antítese do maquiavelismo. Horia Cosmovici especificou em uma conferência:

"Na sua essência, o Estado Legionário tem [...] as crenças do nosso Movimento Legionário. Mas, ao contrário do Movimento, que contém apenas a sua espiritualidade, o Estado deve conter também a política; porque é isso que a política representa: a reconciliação do espiritual com a realidade." 3

Aqui reside uma das suas grandes originalidades conceptuais: para Maquiavel, a política é uma arte separada que conduz a sua vida de acordo com as suas próprias leis; para o legionarismo, a política é uma reconciliação entre moralidade e realidade. A política é uma reconstrução contínua e uma ruptura com a inércia do passado. Assim, podemos dizer que o antimaquiavelismo legionário não é um simples método de luta política, mas um verdadeiro reflexo de defesa do espírito humano.

Na doutrina legionária não se trata de uma moral puramente contemplativa, conforme aos preceitos religiosos, na qual e através da qual o Movimento pode realizar a sua obra política. Este tipo contemplativo de moralidade há muito deixou de desempenhar um papel político na vida das pessoas. Com o aparecimento do humanismo e depois da Reforma, a vida das nações europeias começou a desenvolver-se em dois níveis diferentes. A própria moralidade começou a assumir outro aspecto, passando da forma religiosa para a forma civil, daí uma ética religiosa e uma ética política.

Maquiavel não se contentou com esta passagem; ele negou pura e simplesmente a noção de moralidade. Embora esta atitude reconhecesse um estado de coisas, a sua formulação em regras precisas de comportamento político constituiu uma verdadeira reacção. Esta é a razão pela qual Maquiavel sempre teve inúmeros defensores e admiradores. A mudança proposta abalou profundamente os alicerces medievais, retirando a política temporária da influência da Igreja. Wertheimer diz:

---

3 - Horia Cosmovici, Statul şi elita legionarã (em romeno), Salzburgo, Ed. de exílio, "Omul nou", 1953, p. 5.

"O caminho que o estadista maquiavélico deve seguir é aquele que levada religião à virtù" 4

compreendendo através desta "virtù" não o conteúdo das virtudes modernas, sejam cristãs ou cívicas e baseadas na moralidade, mas uma série de qualidades práticas, essenciais ao homem de ação.

Mesmo supondo que a intenção íntima de Maquiavel fosse perseguir um objetivo sublime (a salvação da Itália), a sua forma de conceber esta salvação destruiu o suporte religioso, e portanto moral, da atitude e da ação política, sem o qual o homem perde o contacto com o. realidade da vida e se torna um tirano.

Ao mesmo tempo, atingimos não só o papado nos seus aspectos terrenos e transitórios, mas também a parte superior do ensinamento cristão, parte sem a qual qualquer ação, tanto política como particular, perde o substrato metafísico que a valoriza e. que constitui a verdadeira garantia da evolução, da civilização e do progresso. Através desta transformação de conceito, chegamos a um desvio institucional e a um voluntarismo pesado, que já não têm nada a ver com o aspecto evolutivo das formas políticas. É por isso que se argumentou que:

"O renascimento maquiavélico desenvolveu outra concepção, a da virtude técnica, da virtude ativa, que identifica o valor de certas ações com o valor e a sabedoria dos meios pelos quais essas ações são realizadas. Uma ação é boa se, do ponto de vista técnico, for precisa e consistente consigo mesma; Virtuosos são aqueles homens que agem com uma avaliação adequada e precisa dos seus próprios meios e com ação adequada de vontade e iniciativa." 5

---

4 - Oskar von Wertheimer, Maquiavel (em espanhol), Porto Alegre, Ed. Globo, 1942, p. 181 (tradução de Herbert Caro).

5 - Luigi Russo, Machiavelli (em italiano), Bari, Laterza, 1957, 4ª edição, p. 232.

Consideramos esta afirmação exagerada, se não completamente absurda. A introdução da moralidade técnica (!) nas relações sociais e políticas elimina qualquer possibilidade de julgar os factos à luz da evolução constante e do progresso espiritual constante.

Além disso, esta tendência para uma técnica de moralidade aparece ostensivamente na ideologia comunista, onde tudo – mesmo a moralidade – deve ser uma função do objectivo imediato perseguido, como provam as seguintes declarações:

"Do ponto de vista da moralidade comunista, apenas são morais as acções que contribuem para a construção de uma nova sociedade comunista."
(Radio Moscou, 20 agosto 1950)

ou

"Promessas, assim como crostas de torta, são feitas para serem quebradas."
(Lenin)

Ao contrário de Maquiavel, o Movimento Legionário visa uma inversão deste espírito político tão valorizado pelos apoiantes do secretário florentino, ou seja, uma ressurreição do espírito do cristianismo. É uma espécie de retorno à fonte de uma corrente que se perdeu devido a uma má interpretação no início. Sentimos esta tendência em todas as ideias legionárias, nesta luta contra a matéria, contra os elementos destrutivos da moralidade pública e privada, contra os vícios espirituais que invadiram o pensamento e a atividade do indivíduo.

Para Corneliu Zelea Codreanu, a nossa reaproximação ou o nosso distanciamento (individual ou colectivo) das leis da moral cristã representam a nossa salvação ou a nossa perda, não apenas na vida após a morte, mas mesmo aqui na terra como membros de uma comunidade, ou como um Estado no meio de outros Estados. Para ele:

"Existem normas, leis naturais da vida e normas, leis naturais da morte. Leis da vida e leis da morte. Uma nação caminha para a vida ou para a morte dependendo se respeita uma ou outra destas leis." 6

O regresso à concepção cristã da vida política, através da reinstalação da moral religiosa na base da actividade política, o Capitão vê na implantação, nas almas dos indivíduos, do que há de mais misterioso e mais divino: o amor ao próximo. Neste regresso está o antídoto para todas as maldades, perversões, tiranias e divergências que agitaram a história das nações durante milénios.

Corneliu Zelea Codreanu especifica:

"O amor é a chave da paz, que o Messias enviou a todas as nações da terra." 7

Se o entusiasmo e a admiração de Maquiavel ocorreram sem qualquer relutância em relação a indivíduos ousados e combativos, não deveríamos deduzir daí que o Movimento Legionário, na sua posição antimaquiavélica, só aprecia indivíduos contemplativos, apáticos e tímidos. Isso seria uma contradição em termos.

O Movimento Legionário é uma organização de luta, uma força revolucionária no sentido mais puro da palavra. O homem corajoso, ousado, capaz de sacrifício, constitui a base material do movimento.

O que diferencia as duas correntes não são as qualidades combativas dos indivíduos, mas a forma de conduzir um empreendimento político ao seu objectivo. No Movimento Legionário trata-se de atitude e comportamento íntimos, baseados em valores morais e não em manobras utilitárias. É por isso que, se o maquiavelismo procura o sucesso através de uma política de força, o legionário o procura através de uma transformação íntima do homem, através de uma revolução espiritual.

---

6 - Corneliu Zelea Codreanu, Pentru legionari (em romeno), volume 1, Bucareste, Ed. Totul pentru Țară, 1937, 2ª edição, p. 388.

7 - Ibid., p. 300.

Vasile Marin esclareceu isso com grande vigor, quando escreveu em seu Credo de uma Geração:

"A partir de agora desaparecerá o homem criado pelo sistema racionalista baseado no "objetivo desculpa os meios", desaparecerá o homem que acredita que, para ter sucesso na vida, é preciso haver vítimas de todos os lados, é necessário, em ou seja, pisar em cadáveres para criar esse indivíduo tão apreciado no século passado. Não ! Na base da atividade e na construção fundamental do Legionário está este elemento que o Capitão pregava constantemente: o elemento ético, moral. Na futura organização do Estado Legionário, este valor ético constituirá talvez o fundamento sobre o qual este Estado se apoiará. " 8

Política não significa conquista, dominação, mas compreensão e harmonia. Fazer política significa usar a sua força de carácter, a sua inteligência, a sua habilidade diplomática para evitar a conquista e a dominação, ou seja, para dar sentido moral à acção política. Sem esta tendência contínua, não há evolução ascendente nas relações entre os povos, nem progresso civilizatório nas comunidades sociais. É por isso que podemos afirmar que o heroísmo físico e a audácia ostensiva admirada por Maquiavel, tornam-se coragem moral e heroísmo espiritual no legionarismo.

*

**

Maquiavel parte da premissa de que o homem é mau. Os preceitos inscritos em O Príncipe seriam, portanto, apenas as normas adaptáveis a uma sociedade onde os ímpios seriam uma maioria esmagadora. Como diz Gilmore sobre a concepção e convicção de Maquiavel:

_____

8 - Vasile Marin, Crez de generaţie (em romeno), Salzburgo, Ed. de exílio, "Omul nou", 1952, p. 237.

"Numa época em que seus inimigos usam inúmeros subterfúgios e má-fé contra você, você não pode se ater à moralidade tradicional." 9

Maquiavel, portanto, não concede ao homem qualquer possibilidade de recuperação e também não o acredita capaz de transformação. Para ele, nestas condições, não há progresso espiritual nem moral, nem mesmo progresso algum. A sociedade é uma selva onde os mais fortes, os mais astutos, os mais violentos têm sucesso; quem quiser alcançar os seus fins – seja ele um príncipe ou um simples mortal – deve tornar-se mais forte, mais astuto, mais violento que os outros. Devemos dominar os outros, matá-los mesmo que se oponham à vontade activa; não nos preocupemos com o que o mundo dirá, porque, uma vez vitoriosos, quando chegarmos ao topo, não encontraremos ninguém que se atreva a contradizer as medidas tomadas. Pelo contrário, todos se curvarão à força. O que supõe que Maquiavel considera o homem não apenas fraco de caráter, mas também covarde, abjeto.

Nesta concepção pessimista, o homem não é perfectível nem consciente da sua importância humana. É um animal perseguido por outros animais, lutando nas garras de um destino implacável. A humanidade é feita apenas para alguns personagens excepcionais, diabólicos na sua forma de pensar e de se comportar.

Maquiavel vê uma elite, que nada tem a ver com a verdadeira elite, tal como a entendemos hoje. Não se trata de sabedoria, nem de inteligência, nem de fé, nem de moralidade. Esta é uma tendência primária na qual intervêm apenas as forças negativas e repreensíveis do gênio humano. Nada ilustra melhor esta tendência em Maquiavel do que o facto de:

"ele conhecia bem César Bórgia, a quem Florença o credenciou; ele até testemunhou o massacre de Sinigaglia; e ele acreditava ter discernido neste homem, através da violência e da má-fé – mas violência e má-fé comparáveis às das pessoas ousadas que foram amplamente bem-sucedidas, Fernando de Aragão, por exemplo – as qualidades de líderes de povos e príncipes fundadores do reino ..." 10

_____

9 - Myron P. Gilmore, Le Monde de l'humanisme, Paris, Payot, 1955, p. 173 (tradução de Anne-Marie Cabrini).

10 - Maquiavel, O Príncipe, Paris, Garnier, "Selecta", 1957, introdução p. VII (introdução e notas de Raymond Naves.)

Muitos investigadores foram tentados a ver em Maquiavel, na sua explosão patriótica face à situação política italiana do final do século XV, uma atitude legítima e incontestável de defesa. Para ele, parecia óbvio que:

"a única ordem pública que se podia obter em tempos de decadência era a criada por um príncipe capaz de se fazer temer." 11

Assim, Maquiavel elimina com franqueza todos os perigos que ameaçavam tal posição e que, hoje mais do que nunca, são visíveis e preocupantes. Por força das circunstâncias:

"O maquiavelismo é uma filosofia da política, afirmando que, no direito, a boa política é uma política supramoral ou imoral, e deve, pela sua própria essência, recorrer ao mal." 12

Portanto, o que pode caracterizar o maquiavelismo é a aceitação do mal como força regeneradora de direitos e a rejeição da moralidade como elemento essencial da vida política.

Ao aceitar e aplicar os preceitos de Maquiavel, como nos distanciamos das ações sangrentas e desumanas dos babilônios, dos hunos ou dos vândalos, que condenamos como terríveis? O que fizeram estas "elites" de épocas passadas, senão garantir a primazia e destruir a "maldade" dos homens que não queriam admitir a sua "superioridade física" e a sua supremacia política?

O que sempre fizeram as forças imperialistas ou tirânicas, senão negar a autoridade dos preceitos morais na política e impor os seus pontos de vista através de pressões violentas, portanto ilegais e injustas?

---

11 - Myron P. Gilmore, Le Monde de l'humanisme, op. cit., p. 173.

12 - Jacques Maritain, Principes d'une politique humaniste, Paris, Paul Hartmann, 1945, p. 202.

O que fazem hoje as forças invasoras do comunismo, senão repetir, em todas as formas e em todas as latitudes, o sistema político imaginado ou confirmado como irrefutável por Maquiavel!

Concordamos com Maquiavel que a maioria dos homens são maus, maus no sentido de que são egoístas, mentirosos, enganadores, incorretos, etc. Esta situação existe desde o início do mundo e existirá por muito tempo na história da humanidade, senão para sempre. Ora, tendo em conta este estado de coisas, partindo desta premissa, o dever de cada pensador político é precisamente combatê-lo por todos os meios ao seu alcance, e de forma alguma dar-lhe um exemplo à sua geração e aos que para vir.

Maquiavel, no seu realismo, acentua as tendências repreensíveis do homem, proporcionando assim uma desculpa moral para aqueles que, pelo contrário, deveriam ser contidos e que constituirão sempre os elementos discordantes e perigosos das comunidades sociais. Assim, "a necessidade, prescrita por Maquiavel, de agir com maldade" em certas ocasiões apenas incitará aqueles que, pela sua natureza interior, estão predispostos a tais ignomínias. Em nenhum caso constituirá um padrão de conduta política ou social para aqueles que de outra forma compreendem a evolução da espécie e da cultura humana. Portanto, o preceito enunciado jamais se tornará arma de defesa nas mãos de seres desarmados, honestos ou morais, pois estes não o utilizarão para nada no mundo. Pelo contrário, servirá apenas para fortalecer as ambições de pessoas sem escrúpulos. O legionário rejeita tais procedimentos com desdém e indignação. Que lição grandiosa emerge das falas do capitão quando ele escreve:

"Mantenham-se, e as crianças de hoje, e as de amanhã do povo romeno e de quaisquer outros povos do mundo, deste terrível flagelo: a abjeção.*

Toda a inteligência, toda a ciência, todos os talentos, toda a educação não nos servirão de nada se formos abjetos. Ensine seus filhos a não serem desprezíveis nem para um amigo nem mesmo para seu maior inimigo. Pois eles não vencerão, mas serão mais que derrotados, serão esmagados.

Que tenham cuidado, mesmo contra as armas infames e desprezíveis, em usar tais armas, porque mesmo que triunfem, será apenas uma simples mudança de pessoas. A baixeza permanecerá inalterada. A abjeção dos vencidos será substituída pela do vencedor. Em essência, a infâmia dominará o mundo. As trevas da abjeção no mundo não podem ser afugentadas por outras trevas, mas apenas pela luz trazida pela alma do herói, cheia de caráter e honra." 13

Não deveríamos acreditar que Maquiavel pretendesse provar a veracidade das suas conclusões in aeternitas. O ceticismo e o racionalismo que exibiu decorriam da situação política real da época em que viveu e, especialmente, da Florença humanista dominada pelos Médici. Ele escreveu a obra O Príncipe com um propósito muito específico, não como uma teoria política, mas como um programa de ação imediata, para uso da Casa dos Médici, em cuja desgraça ele havia incorrido. A intenção primária é, portanto, egoísta e pessoal.

Se ao longo dos séculos foi dada grande importância aos preceitos de Maquiavel, é mais pela perspectiva de dominar os vizinhos fracos do que pela sua verdade política. Além disso, quem levou em conta a doutrina maquiavélica e quando? Apenas monarcas e governos imperialistas, apenas aqueles que não pretendiam submeter-se às normas legais, apenas aqueles que consideravam que "o poder dá direito".

A teoria de Maquiavel nem sequer é reflexo do lema latino "si vis pacem para bellum", porque o lema romano não previa a violência, nem a maldade, a imoralidade, nem a astúcia.

Não sejamos também tão ingénuos a ponto de acreditar que Maquiavel estava a insinuar que, se os homens tivessem sido bons, teria dado outros conselhos para a condição política e para o comportamento dos líderes. Mosca especifica que:

---

13 - Corneliu Zelea Codreanu, Para Meus Legionários, op. cit., pp. 280-281.

"Quando Maquiavel sugere uma ação imoral, muitas vezes ele se desculpa, alegando a necessidade de agir com maldade, já que os homens são maus. Isto implica que se os homens fossem bons ele aconselharia seguir outros caminhos." 14

Primeiro, se "os homens tivessem sido bons", não teríamos precisado dos preceitos de Maquiavel. Então, as lutas fratricidas entre os florentinos não teriam ocorrido e Maquiavel não teria sido destituído do cargo oficial que ocupava pelos Médici. Assim, não teria ficado amargurado pela vida e não teria mais meditado na possibilidade de reconquistar a simpatia de seus grandes protetores.

As hipóteses mais absurdas foram apresentadas para explicar a verdadeira intenção de Maquiavel. Todas essas hipóteses não nos interessam. Fazem parte da bagagem histórica do problema. Muito mais interessantes são a atitude e a opinião de Maquiavel em relação ao homem, tomado na sua individualidade e na sua personalidade social. Como emerge do Príncipe e dos Discursos, o homem é uma entidade abjeta, permanentemente atolada na sua miséria moral, constitucionalmente incapaz de se aperfeiçoar. É por isso que o Estado planeado por Maquiavel negligencia e despreza o indivíduo:

"Não admitindo nem liberdade nem felicidade para o indivíduo, o Estado de Maquiavel não foi criado para garantir o bem-estar e a prosperidade dos seus súditos. Maquiavel chegou a insinuar que o Estado era uma instituição hostil a eles. Ele se opôs às suas inclinações particulares, exigiu a sua submissão às suas leis e às suas exigências: os homens eram simples instrumentos dos seus ideais." 15

Muitos lutaram contra esta visão da imperfeição da natureza humana e da sua uniformidade. Como, por exemplo, Bottigliero:

"afirmamos a existência de uma natureza universal que não admite variações entre diferentes indivíduos. E daí? Não haveria mais qualquer distinção entre um homem e outro. Este monismo neutro e igualitário, pelo qual todas as diferenças são anuladas e pelo qual o gênio é reduzido ao nível do idiota, é uma extravagância do pior gosto:

---

14 - Gaetano Mosca, Histoire des doctrines politiques depuis l'antiquité, Paris, Payot, 1955, p. 115.

15 - Oskar von Wertheimer, Maquiavel, op. cit., pág. 175.

esta concepção do homem eterno e uniforme, que mortifica a própria consciência do homem, não a admite como um desenvolvimento interior e reconhece nele apenas características instintivas e materiais, é a negação do espírito humano, e não podemos compreender como Maquiavel pode conceber de um Estado composto por tais fantoches." 16

É verdade que no meio desta multidão informe aparecem indivíduos superiores; no entanto, conservam todos os defeitos da espécie, apesar da sua evolução intelectual. O egoísmo, a maldade, o engano são inerentes à sua natureza e mantêm posições adquiridas simplesmente pelo desenvolvimento e uso hábil de defeitos ou defeitos inatos. Em grande medida, também nós concordamos com o grande florentino. Desde sua época até hoje, essas características não mudaram. Mas esta é apenas uma simples observação, não é uma teoria. O que criticamos Maquiavel é o fato de considerar essas deformações como "definitivas" e o indivíduo como incapaz de evolução e transformação.

É precisamente isto que diferencia o Movimento Legionário do Maquiavelismo. O Movimento Legionário constata a existência de terríveis deficiências na mente humana, mas, considerando-a aperfeiçoável, procura atenuar as suas tendências através de uma educação contínua e adequada. Todo o grande potencial de renovação existe nos seres humanos, portanto em todos os indivíduos, e não apenas em alguns privilegiados. Então :

"[...] a pedra angular a partir da qual a Legião começa é o homem, não o programa político; a reforma do homem, não a reforma dos programas políticos. A legião do Arcanjo Miguel será, portanto, mais uma escola e uma falange do que um partido político... Desta escola legionária teremos que fazer surgir um novo homem, um homem com qualidades heróicas. Um gigante no meio da nossa história, que deve lutar contra todos os inimigos da Pátria e derrotá-los, a sua luta e a sua vitória devem estender-se também para além, sobre os inimigos invisíveis: sobre as forças do mal. "

---

16 - Luigi Bottigliero, Maquiavel, valore e limiti del suo pensiero, Milão, Gastaldi, 1952, p. 98.

Toda a alma mais bela que a nossa mente possa imaginar, toda a alma mais orgulhosa, mais elevada, mais justa, mais poderosa, mais sábia, mais pura, mais corajosa e mais bela que a nossa raça heróica pode gerar, é isso que a escola legionária deve dar! Um homem em quem devem ser desenvolvidas ao máximo as possibilidades de grandeza humana que a divindade plantou no sangue do nosso povo.

Este herói da escola legionária saberá estabelecer programas, saberá resolver o problema judaico, saberá convencer os outros romenos; enfim, em última análise, saberá vencer porque é por isso que é um herói. " 17

As intenções de Maquiavel são tão positivas como as do Movimento Legionário, mas não abordam a mesma parte da personalidade humana. Ele enfatiza os instintos básicos, elevando-os à qualidade de padrões de conduta, pois está convencido de que entre os lobos é preciso ser lobo. Quem se desvia destas normas perece.

Enquanto o Movimento Legionário parte de um critério completamente diferente: acredita na essência espiritual do homem e na sua perfectibilidade social, política e moral. Contudo, ele não se contenta em descrever o homem como deveria ser, o que o condenaria a ser nada mais do que uma esplêndida concepção idealista. O Movimento Legionário atua na direção desta perfectibilidade. Através da educação e do exemplo, através do heroísmo e do martírio, ele rompe diariamente a casca dos instintos primários, modifica o modo de pensar do homem; em uma palavra, transforma-o.

Então aqui está a grande diferença: o maquiavelismo empurra o homem para o exagero de certos instintos ou de certos desejos egoístas e egocêntricos, infunde nele a convicção de que a grandeza tem a força como única base. O legionário, pelo contrário, empurra o homem para o desenvolvimento das qualidades morais e espirituais e infunde-lhe a convicção de que a grandeza tem como única base a harmonia dessas qualidades.

Pode-se argumentar que Maquiavel tinha em mente o político, o homem do governo, o homem chamado a liderar, e não o homem comum, o homem que constitui a massa. Em primeiro lugar, não devemos esquecer que o indivíduo hoje chamado a conduzir, e não na era humanista de Maquiavel,

---

17 - Corneliu Zelea Codreanu, Para Meus Legionários, op. cit. p. 286

É necessário levar em consideração as aspirações, opiniões e sentimentos do homem comum. No final do século XV, contingências morais e políticas colocaram algumas famílias em conflito e a mentalidade atual permitiu a criação de "seignori" ou o aparecimento de "condottieri". As lutas ocorreram pela glória e pelos interesses de um único indivíduo ou família. O povo comum (popolo minuto) apenas formava uma infra-estrutura material, elementos de manobra para a concretização dos desígnios do grande (popolo grasso) ou do monarca, o príncipe, a pessoa reconhecida como líder. Nestas condições, que importância poderia ter a falta de moralidade para estes subseres, simples peões no tabuleiro dos grandes interesses da época! Pelo contrário, os escrúpulos só poderiam prejudicar planos políticos subtis e enfraquecer a eficácia da acção.

Na base de todo o conceito Legionário está o sacrifício, a capacidade de sacrificar-se pelo bem comum. Através dela, o homem se desprende das contingências materiais e adquire uma nova visão da vida social e política. O homem, como entidade pensante e elemento político, vê-se empurrado para a compreensão e a grandeza do sacrifício voluntário:

"Dominar o interesse pessoal é outra virtude fundamental do Legionário. Está em completa oposição à linha do político, cuja única fonte de ação e luta é exclusivamente o interesse pessoal, com todos os seus derivados degenerados: desejo de enriquecimento, luxo, luxúria e orgulho." 18

ou, ainda em Para meus Legionários:

"Todos os que nos procuravam tinham duas características distintas, bem visíveis:

1. grande correção moral;

2. falta de interesse pessoal. Em casa não tínhamos nada a ganhar. Nenhuma perspectiva sorridente se abriu. Aqui só podíamos dar: alma, fortuna, vida, capacidade de amor e confiança." 19

---

18 - Corneliu Zelea Codreanu, Para Meus Legionários, op. cit. pp. 298-299.
19 - Ibid. p. 284.

O político, o líder, por sua vez se transforma, como diz Horia Sima:

"A imagem do político é completamente diferente daquela que nos é oferecida pelos partidos políticos. Cada centelha de interesse pessoal desapareceu dele. É um sacrifício permanente. Ele garante a felicidade de todos." 20

Que enorme abismo entre as ideias legionárias sobre a pessoa do líder político e as de Maquiavel! Isto recomendava o sacrifício de todos pela glória e sobrevivência de um único indivíduo ou família, enquanto o Movimento Legionário exige o sacrifício do líder pela sobrevivência e bem da comunidade. Esta é uma verdadeira mutação conceptual, uma inversão de valores, que abre imensas e novas perspectivas, num mundo cheio de egoísmo e materialismo. A política perde a sua qualidade de trampolim e de "parvenitismo", para se tornar uma escola de civismo e de respeito pelos assuntos públicos. A política, de refúgio para oportunistas, torna-se escola de heróis.

Na época de Maquiavel, assim como em todas as épocas em que a força se torna um conceito jurídico, a moralidade aparece como um preconceito prejudicial, um elemento de atraso, anti-evolução. Cosimo de Médici poderia permitir-se, na sua atitude orgulhosa de tirano florentino, dizer que não se pode governar sempre com o Pater noster nas mãos, compreendendo assim a necessidade de negar todos os preceitos morais na condução dos assuntos públicos e internacionais.

A evolução espiritual da humanidade ainda estava longe de compreender a importância do respeito mútuo entre forças desiguais. Esmagar um adversário, não porque seja ameaçador, mas porque é fraco ou porque queremos apropriar-nos dos seus territórios, não foi imoral. Muito pelo contrário: quanto mais conquistámos, mais pérfidos éramos, mais éramos apreciados e temidos. Tudo bem ; os tempos permitiram e Maquiavel descreveu-o com maestria.

Porém, hoje em dia é grotesco defender tal atitude. Elevar as descrições de Maquiavel a princípios políticos representa uma verdadeira decadência, que só as mentes imperialistas e egoístas podem ainda aprovar. É por isso que podemos dizer:

———————

20 - Horia Sima, o Que É o Nacionalismo, op. cit., p. 107.

"A responsabilidade histórica de Maquiavel é ter aceitado, reconhecido e endossado como regra o facto da imoralidade política e ter declarado que a boa política, a política em conformidade com a sua natureza e os seus fins autênticos, é em essência uma política não moral." 21

A política nem sempre é consistente com a moralidade. Não se trata de transformar a política e a arte política num anexo da moralidade. Isto seria absurdo do ponto de vista teórico e inaplicável do ponto de vista prático. O político precisa de uma certa liberdade de pensamento e movimento. A rigidez dos preceitos puramente morais paralisa esta liberdade. Concordamos com a afirmação de Prezzolini, que afirma:

"Na política, o maior erro é a recusa em assumir a responsabilidade pelos erros necessários ao sucesso da ação política." 22

Tudo isso até certo ponto, porém. Esta abertura de espírito não deve ser levada ao ponto de desconsiderar as regras mais básicas da moralidade, necessárias ao bom entendimento entre os povos e ao desenvolvimento saudável do indivíduo. Não devemos esquecer que bons ou maus exemplos públicos têm repercussões na vida quotidiana dos indivíduos. Existe uma estreita correlação entre a nação e o governo que a representa. E, se a nação tem o governo que merece, da mesma forma, o governo só pode contar com a nação que educou. Os meios modernos de radiodifusão contribuem para a formação da opinião pública e para a sua educação. As ações dos políticos são constantemente julgadas, apreciadas ou atacadas pelas pessoas comuns e, na maioria das vezes, imitadas. Portanto, a primeira preocupação de um governo que pretende conduzir a nação no caminho do progresso, da cultura e da civilização é dar constantemente à nação um bom exemplo a imitar.

Aqui então, de acordo com a concepção legionária:

---

21 - Jacques Maritain, Principes d'une politique humaniste, op. cit., p. 154.
22 - C. Prezzollini, Le Legs de l'Italie, Paris, Payot, 1949, p. 108.

"Num Estado moderno, a classe dominante deve receber uma educação política perfeita. Não podemos criar génios através da educação, mas podemos pelo menos criar indivíduos capazes, honestos, trabalhadores, capazes de cumprir infalivelmente os seus deveres para com a sua pátria e a sua nação - bem, este tipo de carácter pode ser formado pela 'educação." 23

Um governo instituiria em vão cursos de moral em todas as escolas, em todas as empresas, se a sua atitude para com os indivíduos e outras nações contradissesse continuamente o programa imposto. Os líderes do povo são obrigados a levar em conta estas regras com o mesmo rigor que o homem comum.

Não se trata de transformar a arte política em pura moralidade, mas apenas de ter em conta os preceitos morais na aplicação das regras da arte política. É a tendência mais importante na imponente gama de tendências que caracterizam a difícil ascensão da raça humana na escala infinita da civilização. De que servirão a cultura, a ciência e a conquista do espaço se o indivíduo continua a ser o mesmo animal egoísta dos tempos pré-históricos?

Negar os preceitos morais na política equivale a admitir a prioridade dos instintos na vida social, ou seja, a impossibilidade de uma evolução permanente para o melhor, para um óptimo social, político, humano.

O utilitarismo que está na base dos preceitos maquiavélicos vai além do humano. A duplicidade, prescrita para que os objetivos sejam alcançados, já não tem nada da sinceridade, do espírito cavalheiresco, imposto pela moral cristã. Tudo o que constitui a base da superioridade espiritual do gênio humano, herança de inúmeros sacrifícios e esforços, é derrubado, visto como irrisório, inútil, perigoso.

Considerando que o esforço moral e a luta pela imposição de preceitos éticos são uma política de superação, vemos na doutrina de Maquiavel uma política de facilidade, de esforço mínimo. É muito mais fácil destruir, mentir, enganar, do que impor uma atitude fiel, leal, honesta e honrada.

———

23 - Traian Brăileanu, Sociologia si arta guvernării, op. cit., p. 39.

Muitos acreditaram e ainda acreditam que Maquiavel, ao elencar uma série de regras de conduta política, teria criado uma verdadeira arte política. Certamente, os preceitos expressos em O Príncipe são lógicos, constituem um todo capaz de atingir um objetivo específico. Aquele que se conforma com isso pode dominar o mundo, se não esbarrar em alguém mais inteligente que ele. Assim, consideradas deste ponto de vista, as normas maquiavélicas constituem uma espécie de fio condutor de uma arte de governar. Contudo, é apenas uma arte obtusa, em que a força e a mentira ocupam o lugar reservado ao entendimento e à lei. É uma arte política retrógrada e não progressista. Não se trata sequer de um espírito reformador, pois Maquiavel não se levanta contra a moral para combatê-la e substituí-la. Apenas acentua tendências existentes, que sempre se mostram violentas e insaciáveis, sempre que falta a moralidade superior digna capaz de detê-las.

Porém, em vez de procurar o que poderia constituir esta barragem e assim contribuir para fortalecer novas normas, mais evoluídas na direção do bem, Maquiavel exalta aos céus as normas que precisamente tiveram de ser combatidas. Assim, lança as bases, ou melhor, fortalece as bases de uma arte política ao serviço dos ambiciosos e dos agitadores políticos de todos os tempos.

Não é, portanto, surpreendente que mesmo autores italianos tenham feito críticas à obra de Maquiavel. Mosca especifica:

"[...] O Príncipe é um livro interessante de ler, mas é bastante duvidoso que possa contribuir efetivamente para a formação intelectual e moral de um político." 24

O trabalho de Maquiavel foi um grande golpe nos esforços feitos ao longo da história por todos os defensores da justiça.

Não há arte de governar sem fundamento moral, sem consciência, sem respeito. Em todas as sociedades humanas, existem normas políticas que governam os destinos destas sociedades. Em todos os momentos, o esforço das mentes esclarecidas tem sido o de combater os instintos e ambições primários dos líderes: a única esperança de melhorar as relações internacionais e estimular uma evolução constante do espírito humano para melhor. A teoria de Maquiavel derrubou o equilíbrio bastante precário desta luta milenar e favoreceu tendências retrógradas.

———————

24 - G. Mosca, História das doutrinas políticas desde a antiguidade, op. cit., pág. 121.

Como não teria tido enorme repercussão esta teoria que oferecia todas as perspectivas de glória e grandeza ao indivíduo capaz – ou que se julgasse capaz – de enganar os outros com facilidade?

A sombra do Príncipe escondeu inúmeras iniqüidades e abusos; abriu caminho para grandes imperialismos. Quem era o monarca que se considerava menos habilidoso e menos inteligente que outro? E, se ele também tivesse a força material como… suporte "espiritual", por que teria se privado de conquistar tudo o que pudesse ser conquistado?

Os preceitos de Maquiavel deram substância a um espírito maquiavélico, um espírito desprovido de moralidade, compreensão e benevolência, espontaneidade e magnanimidade. Manifesta-se, pelo contrário, por um apelo contínuo ao subterfúgio, por um abuso contínuo de mentiras e duplicidade. Nada é mais triste, mais degradante do que este espírito que se manifesta com um sorriso nos lábios, tanto mais que é sempre colocado sob a desculpa "multifacetada" da razão de Estado. Em última análise, toda a concepção política de Maquiavel é uma legalização do oportunismo, como muito bem descreveu Luigi Bottigliero:

"Essa adesão absoluta ao contingente, essa virtù que se adapta ao destino e ao tempo, é um programa e tanto. E não podemos afirmar aqui que o seu método seja puro relativismo político. Uma vez estabelecida esta estranha realidade para a mente humana, todo o relativismo maquiavélico é reduzido a um oportunismo simples e vulgar. E entendemos que entre relativismo e oportunismo existe uma grande diferença. O relativismo político é a doutrina com base na qual uma realidade política não pode ser retida como eterna, absoluta, imóvel; oportunismo é adaptação a qualquer realidade política. O relativismo exclui a passividade, uma vez que a nova realidade não é aceite como dados factuais estranhos à própria consciência, mas é ela própria o produto da consciência do homem. O oportunismo, por sua vez, exclui o carácter da liberdade e da vontade e implica uma absoluta falta de consciência." 25

---

25 - Luigi Bottigliero, Maquiavel, op. cit., pág. 162 (passagens sublinhadas por F. Brădescu).

No nosso tempo, embora os preceitos de Maquiavel não tenham chegado a ser abertamente reconhecidos como normas de conduta jurídica dos Estados, não há Estado que não os aplique numa escala mais ou menos extensa. Na verdade, embora negados e combatidos por todos, constituem a linha geral de conduta quando se trata de outros.

Os únicos que desafiam tenazmente esta tendência, esta invasão de ideias maquiavélicas e se esforçam por construir o dique para evitar que a nossa pobre humanidade deslize para a anarquia completa, são os puros moralistas e alguns escritores políticos, assustados ao ver em que declive estão as nações. do século XX em diante. A última guerra ocorreu, por assim dizer, em nome da justiça e da liberdade. O resultado foi o aumento das injustiças e o fortalecimento dos regimes de força e tirania. Uma situação normal para uma sociedade onde o egoísmo nacional triunfa e os mais fracos são esmagados... Que sentimentos altruístas poderia o Sr. Churchill ter em relação à Roménia ou à Bulgária, quando – se tivesse tido a oportunidade – os teria anexado de bom grado ao Império Britânico? !… Exatamente como nos preceitos de Maquiavel: altruísmo e gentileza em espetaculares assembleias internacionais; egoísmo e maldade na atividade real.

O caso da Inglaterra não é isolado. É apenas um pouco mais surpreendente, porque o exemplo dado ocorreu realmente durante as discussões de Yalta. Todas as grandes nações e todos os políticos comportaram-se de forma semelhante nas suas relações internacionais. Nenhum sopro de humanidade, nem um pingo de respeito pelos outros. Nada além do egoísmo e do interesse de cada nação. Isto é enfaticamente chamado de política realista!

Então, onde está a evolução?

Pouco, muito pouco, mudou no mundo e nos costumes políticos desde Maquiavel. Muito pelo contrário. A situação parece ter piorado com a aplicação da teoria do secretário florentino. Os objectivos supremos do Estado foram completamente desviados para a idolatria da força bruta. Contudo, nada pode ser mais perigoso para a humanidade do que esta generalização da vontade de poder, porque:

"Colocar o único fim da vida humana no puro poder material é a verdadeira essência do totalitarismo. " 26

Na verdade foi isso que aconteceu.

———

26 - Jean de Fabrègues, Tirania ou Paz, Paris, Calmann-Lévy, Liberdade do Espírito, 1953, p. 92.

*

**

Neste mundo desequilibrado e sedento de dominação, existiu um homem que compreendeu a necessidade de uma derrubada completa da concepção política existente. Corneliu Z. Codreanu não buscava o estabelecimento de uma teoria universal. Visava a reorganização da nação romena. Mas, através da sua forma de considerar esta reforma do mundo romeno, desenvolveu preceitos capazes de abalar profundamente as concepções políticas reinantes. E, do ponto de vista da arte política, Codreanu colocou-se nos antípodas da doutrina maquiavélica.

Podemos dizer, sem medo de errar, que o Movimento Legionário encarna um verdadeiro humanismo político moderno. As semelhanças com a era humanista do século XV são impressionantes. E dentre essas semelhanças destaca-se a crença na eficácia da educação. A tendência humanista, ao dar importância ao indivíduo, trouxe para o circuito evolutivo da época o problema da educação deste indivíduo. É por isso que muitas das obras dos grandes humanistas tratam este problema como um dos pontos essenciais do Renascimento espiritual e político do seu tempo. Quando Erasmo escreveu A Instituição de um Príncipe Cristão em 1516, para a educação de Carlos V, estava convencido de que, através da educação dada a um futuro imperador, as relações internacionais poderiam ser melhoradas e, ao mesmo tempo, as relações humanas. Esta educação só poderia ser apoiada numa base moral. Podemos fazer uma observação idêntica sobre todas as obras do mesmo tipo escritas durante os séculos XV e XVI para uso de diferentes príncipes.

Esta é, portanto, a ligação lógica entre a concepção humanista e a doutrina legionária: a educação dos príncipes – nos séculos XV e XVI –; de todos os indivíduos de uma comunidade – no século XX –; a educação considerada não apenas como uma essência social, mas também política.

Em ambos os casos, o termo "educação" tem um significado preciso. Não se trata apenas de aprender através dos livros, de se cultivar, de acumular uma série de conhecimentos. Este é o sentido ético da palavra, ou seja, a possibilidade de distinguir o bem do mal, de valorizar primeiro os valores morais em detrimento dos valores materiais e imediatos. Assim, tanto na era humanista como no movimento legionário, a palavra educação é aplicada para combinar os dois significados possíveis numa síntese válida.

Nosso tempo tem visto muitos abusos através da manutenção deliberada da confusão sobre o significado correto da palavra educação.

No sentido burguês da palavra, a educação foi e continua a ser a extensão da instrução pública a todas as camadas sociais.

No sentido comunista, a educação consiste em doutrinar as massas no credo coletivista, de forma exclusiva, rejeitando qualquer outro sistema.

Enquanto no sentido legionário – mais próximo do sentido humanista – a educação é um todo, um complexo, uma assimilação de conhecimentos, deveres cívicos e valores morais. A educação do indivíduo não é vista como um simples trabalho de cultura (sentido burguês), nem como doutrinação partidária (sentido comunista). Para o Movimento Legionário, o indivíduo é a entidade suprema e, portanto, a sua educação deve abranger a totalidade das suas possibilidades de desenvolvimento.

O aspecto cultural é extremamente importante e o Movimento Legionário planeou uma reforma profunda nesta área. No entanto, o aspecto moral prevalece. A decadência da democracia não se deve a causas culturais, mas sim à falta de desenvolvimento moral.

Os democratas convencidos reconheceram isto e lamentaram esta tendência fatal da democracia. A crise do nosso tempo tem as suas raízes em meados do século XIX. Muito antes da Primeira Guerra Mundial, algumas mentes clarividentes deploravam a falta de idealismo no ambiente burguês, resultado de um desenvolvimento e de uma educação defeituosos. Quando, por volta de 1908-1909, J. Charmont escreveu sobre a crise moral de seu tempo:

"Certamente, esta crise [...] é em parte causada pela diminuição do idealismo, pelo facto de os indivíduos estarem cada vez menos dispostos a sacrificar-se" 27

ele nem percebeu a verdade que estava afirmando. Foi mais do que uma observação: foi o grito instintivo do homem que pressente mas ainda não compreende a ameaça escondida nas sombras.

Alguns anos depois, o Capitão anunciou os primeiros preceitos legionários capazes de contrariar esta tendência nefasta. Também ele pressentiu, da mesma forma instintiva, a origem do grande perigo, mas em vez de se limitar a uma observação, tomou medidas defensivas. Homem de ação e de pensamento, C. Z. C. não podia limitar-se a deplorar uma situação. Segundo ele, o legionário deveria desenvolver através da educação todas as riquezas potenciais do indivíduo: culturais, cívicas, morais, etc. para que a harmonia interna pudesse ser alcançada – impossível de alcançar na democracia ou no comunismo.

Segundo a teoria de Maquiavel, diz James Burnham, em seu livro The Machiavellians:

"Homens e grupos de homens lutam entre si para aumentar o seu poder e os seus privilégios" 28

Esta observação constitui uma nova e poderosa diferença entre o espírito maquiavélico e o espírito legionário. Na concepção de Maquiavel não há qualquer vestígio de preocupação com a massa sofredora do povo. Estamos preocupados, em primeiro lugar, com a força do "príncipe" e, em segundo lugar, com o aumento dos privilégios, elementos básicos de todo o andaime maquiavélico.

Basicamente, embora Maquiavel tenha vivido na era humanista, em plena Renascença, sua concepção nada reflete do impulso de emancipação do indivíduo, nada do sopro do despertar espiritual específico da época. Para ele, o elemento respeitável é o Príncipe em cujo nome podem ser cometidas quaisquer iniquidades,

---

27 - Joseph Charmont, O Renascimento do Direito Natural, Paris, Ed. Duchemin, 1927, 2ª edição, p. 125.

28 - James Burnham, The Machiavellians, Paris, Calmann-Lévy, 1949, p. 51.

cujos privilégios são em si uma meta a ser defendida por todos os indivíduos que se encontram sob sua dependência.

O indivíduo tomado separadamente, ou os grupos humanos como um todo, são – para se afirmarem e manterem-se no nível desejado – obrigados a lutar, a esmagar, o que pode constituir oposição ou competição. Com tal mentalidade, podemos esperar alguma melhoria nas relações sociais ou políticas? A luta pela dominação, pelo aumento dos privilégios, só pode levar ao ódio, à inveja, ao desejo de monopolizar, ao desejo de destruir todos aqueles que parecem mais dotados, todos aqueles que podem constituir uma verdadeira concorrência.

A concepção legionária é o oposto desta glorificação da força, desta consolidação de privilégios. Típico neste sentido é o "juramento das fileiras legionárias", onde se expressa toda a moral cívica do Movimento e toda a moral cristã que o fundamenta.

Para constar, reproduzimos na íntegra:

"1) Viver na pobreza e destruir em nós o desejo de enriquecimento material.

2) Levar uma vida dura e severa, da qual o luxo e a opulência serão banidos.

3) Repelir qualquer tentação de explorar homem por homem.

4) Sacrificar-se constantemente pela pátria.

5) Defender o Movimento Legionário com todas as suas forças contra qualquer coisa que possa levá-lo a caminhos de compromisso ou compromisso, ou contra qualquer coisa que possa diminuir, mesmo que ligeiramente, a sua posição moral." 29

Que diferença de espírito entre as duas concepções políticas! A doutrina maquiavélica expressa pura e simplesmente a forma comum de entender a política, na qual em vez de uma evolução para um ideal mais elevado e mais humano, esbarramos, pelo contrário, no desejo de sucesso por qualquer meio, considerado como o. apenas realidade político-social. Quem quer vencer deve ser mais implacável, mais subtil, mais diabólico que o seu possível adversário político. Se existe uma moral maquiavélica,

---

29 - Corneliu Zelea Codreanu, Cărticica şefului de Cuib, Salzburgo, "Omul nou", Ed. de exílio, 1952, p. 181 (traduzido para o francês sob o título Le livret du chef de nid).

é certamente o oposto daquilo que conhecemos e que é tacitamente aceite pela maioria dos indivíduos. Baseado no princípio da força, leva à supremacia da matéria e das realidades puramente materiais.

Não estaremos então a afastar-nos do propósito específico da humanidade?

Em vez de elevá-lo, de fazê-lo tender à harmonia, a concepção maquiavélica destrói no homem a única energia que poderia afastá-lo das tendências atávicas. O maquiavelismo, mantido por todos os governos do mundo durante quatro séculos, encontrou hoje a sua expressão máxima no marxismo bolchevique. O próprio Maquiavel não poderia esperar mais. Através de uma introversão "magistral" dos fins e meios de realização, o comunismo hoje personifica a linha pura da concepção maquiavélica.

O Movimento Legionário, ao superar as tendências dos tempos modernos, derruba as bases conceituais tradicionais e busca mudar a raiz do problema. Se até ele o homem era empurrado – pela educação e pelo exemplo – para a idolatria da força e para a defesa dos privilégios de casta, de família, de partido ou de sindicato, com o advento do Movimento Legionário e através dele o homem vislumbrou outras horizontes, tanto sociais como políticos.

Se considerarmos a triste situação da Itália renascentista, o esforço doutrinário de Maquiavel parece verdadeiramente legítimo para a época. A confusão e a injustiça eram os traços característicos da vida política. Maquiavel, envolvido em todos os grandes problemas do povo italiano:

"vimos grandes potências se unirem para destruir as pequenas; ele tinha visto, através de exemplos concretos, sucessos coroando a má-fé e a violação de tratados. É natural, portanto, que o seu objectivo principal fosse encontrar uma fórmula capaz de restaurar um sentimento de segurança e restabelecer uma condição que assegurasse pelo menos as exigências elementares da ordem pública. " 30

O espírito maquiavélico já existia no mundo político. Maquiavel apenas traduziu isso em fórmulas precisas de comportamento.

———

30 - Myron P. Gilmore, Le Monde de l'humanisme, op. cit., p. 169.

Intérprete correcto da situação, não conseguiu superar a mentalidade do seu tempo. Em vez de uma reação poderosa contra o sistema reinante de violência e imoralidade – atitude que teria sido mais lógica e, ao mesmo tempo, orientada na direção da evolução da humanidade – Maquiavel permitiu que lhe fosse imposto o halo que sempre acompanha demonstrações de força. A própria justiça, ele concebeu no permanente choque de forças; o vencedor sempre tem razão ao ter essa força e impô-la. Esta é exactamente a moral da fábula de La Fontaine: "A razão do mais forte é sempre a melhor!"

Com esta posição, Maquiavel eliminou definitivamente qualquer possibilidade de aperfeiçoamento espiritual. Os fundamentos da mentalidade política foram reduzidos a algumas ambições, interesses ou desejos, desprovidos de qualquer aspiração superior. Os princípios morais ou cívicos, sem os quais uma sociedade é apenas um amálgama de forças cegas, são completamente subestimados por Maquiavel pela simples razão de que nada têm a ver com a política, onde os factos palpáveis são tudo, causas e propósitos ao mesmo tempo. Então :

"Para Maquiavel, quando os fatos são conclusivos, os princípios devem ser descartados." 31

Contudo, o Movimento Legionário não pode concordar com esta concepção. Sem princípios morais, a vida pública, tal como a vida social, torna-se anárquica, brutal. Em vez de evoluir e melhorar os designs, afundaremos numa decadência lenta mas segura. Isto é confirmado pelos acontecimentos do nosso tempo no campo da política internacional. Nada poderia ser mais preciso do que a afirmação de Didier de Roussillon:

"Negar a objetividade dos valores morais representa sempre o declínio do mundo moral correspondente." 32

_____

31 - James Burnham, The Machiavellians, op. cit., p. 52

32 - Didier de Roussillon, Introduction à la politique, Suisse, Portes de France, 1946, p. 23.

É por isso que um Estado deve ter constantemente em conta os seus princípios, independentemente da situação política em que se encontra. É demonstrando respeito por esses princípios que ele se coloca na linha ascendente da sociedade, e não adotando princípios maquiavélicos de forma simplista. A força militar é uma necessidade na vida política da nossa humanidade, ainda cheia dos defeitos de uma mentalidade pouco evoluída. O estado precisa estar preparado para qualquer eventualidade. A defesa é um direito natural. É por isso:

"Se um Estado fraco está rodeado e ameaçado por inimigos maquiavélicos, deve esforçar-se a todo o custo para aumentar a sua força física, mas também as suas virtudes morais." 33

Isto então, expresso por Jacques Maritain* – que não pode ser suspeito de legionário – é o verdadeiro significado da nossa existência como sociedade humana. A força é uma necessidade ditada pelas circunstâncias políticas, mas, acima de tudo, a política deve ser enobrecida pelas "virtudes morais", sem as quais não se pode diferenciar dos assírios, dos lobos famintos ou das formigas carnívoras do Brasil, que destroem tudo, plantas e animais, pelos quais passam como uma torrente "organizada"

"[...] se esta antinomia [a divisão mortal criada entre ética e política], que tem sido o flagelo da história moderna, deve ser superada na prática e não apenas na teoria, isso só será feito com a condição de que uma espécie de revolução seja acontecendo em nossa consciência." 34

Dez anos antes de J. Maritain, Corneliu Z Codreanu havia especificado, em Para os Legionários (sua obra essencial do ponto de vista doutrinário), os princípios fundamentais da regeneração do povo romeno e da humanidade.

---

33 - Jacques Maritain, Princípios de uma Política Humanista, op. cit., pág. 187-88. * [Nota do editor] Jacques Maritain (1882-1973) foi um filósofo francês. Vindo de família protestante, converteu-se ao catolicismo na juventude e aproximou-se da Action Française. Ele se afastou após a condenação do movimento pelo Vaticano e gradualmente se uniu ao liberalismo e à democracia.

34 - Jacques Maritain, Princípios de uma Política Humanista, op. cit., p. 201.

Ele já não estava pensando neste tipo de "revolução em nossa consciência" quando escreveu:

"Vamos criar um ambiente espiritual, um ambiente moral, no qual o novo homem possa nascer, nutrir-se e florescer. Este ambiente deve ser isolado do resto do mundo por muralhas espirituais tão altas quanto possível. Deve ser defendido de todas as influências perigosas da covardia, da corrupção, da libertinagem e de todas as paixões que enterram as nações e destroem os indivíduos". 35

Existem muitos exemplos na literatura legionária. Ernest Bernea expressou-se da mesma forma:

"A Legião é um grupo revolucionário porque vai ao cerne dos problemas e os transforma até às suas fundações. Não apenas muda formas, instituições, mas transforma a própria natureza humana [...]" 36

Encontramos este mesmo conceito no livro de Corneliu Zelea Codreanu, Cărticica şefului de Cuib (ponto 69):

"O novo homem, ou a nação renovada, pressupõe uma grande metamorfose espiritual, uma grande revolução espiritual de todo o povo, isto é, uma reação contra a direção espiritual de hoje, e uma ofensiva categórica contra esta direção". 37

Nesta profunda transformação reside toda a grandeza do Movimento Legionário e a enorme diferença de concepção política entre Legionário e Maquiavelismo. Esta não é uma simples diferença de estilo, mas uma diferença conceitual. Enquanto o Maquiavelismo exalta o reinado da força, da mentira e da tirania, com o objectivo puramente material de atingir um objectivo, o Legionário apela ao sentimento de amor, compreensão e verdade,

---

35 - Corneliu Zelea Codreanu, Para Meus Legionários, op. cit., p. 287.
36 - Ernest Bernea, Stil legionário, "Omul nou", Ed. de Exil, 1953, p. 16
37 - Corneliu Zelea Codreanu, Cărticica şefului de Cuib, op. cit., p. 88.

na esperança de empurrar a humanidade para o caminho mais elevado da perfeição. Onde um destrói qualquer relação entre política e ética, o outro se esforça para estabelecer uma relação próxima e benéfica. Onde:

"Maquiavel não admite à política, a ciência da condução das sociedades, à arte da dominação dos homens, e à moral, a disciplina metafísica do bem e do mal, que lhe é politicamente indiferente, quaisquer fronteiras que não sejam aquelas sem fixidez utilidade e interesse, é claro." 38

o Movimento Legionário impõe ao homem – portanto também aos líderes dos povos – "a lei da honra":

"Ande apenas pelos caminhos indicados pela honra. Lute e nunca seja covarde. Deixe os caminhos da infâmia para outros. Em vez de conquistar através da infâmia, é melhor cair enquanto luta no caminho da honra." 39

A enorme diferença que emerge entre a doutrina maquiavélica e a concepção legionária constitui, no ambiente do nosso século, repleto de ideologias imperialistas e desprovido de moralidade, uma desvantagem significativa para qualquer concepção baseada em princípios éticos. Qualquer posição tomada neste sentido pode parecer um grito no deserto; uma total falta de realismo, dizem os oportunistas de situações conturbadas; uma anomalia conceitual, chorarão os filósofos políticos infectados pelo vírus do materialismo histórico. Porém, nada pode obstruir o caminho aberto por Corneliu Zelea Codreanu! Simone Weil, em seu desabafo apaixonado, anotou com tristeza:

"Quanto àqueles que querem pensar, amar, transpor com toda a pureza para a acção política o que a sua mente e o seu coração inspiram, só podem perecer com a garganta cortada, abandonados até pelo seu próprio povo, murchados após a sua morte pela história [...] . " 40

Seguindo a mesma linha de pensamento e impressionado pelos mesmos sintomas do nosso tempo, François Mauriac vai mais longe e especifica:

---

38 - Marc Duconseil, Maquiavel e Montesquieu, Paris, Denoël, "Perspectivas", 1943, p. 19.
39 - Corneliu Zelea Codreanu, Cărticica şefului de Cuib, op. cit., p. 7.
40 - Simone Weil, Opressão e Liberdade, Paris, Gallimard, "Espoir", 9ª edição, 1955, p. 192.

"Neste mundo de assassinos, o adversário de Maquiavel não está condenado ao destino do jogo? Ele não tem vocação de vítima? " 41

É certo que, no mundo do nosso tempo, a questão de F. Mauriac está carregada de verdade histórica. O político que quiser combater o sentido maquiavélico das tendências políticas através de uma aplicação rigorosa de princípios éticos, arrisca-se a ver-se isolado no meio de uma mentalidade geral pervertida e, acima de tudo, corre o risco de ser combatido e facilmente destruído por aqueles que não respeitam o mesmas regras de conduta. A observação necessária é definitiva:

"O resultado prático dos ensinamentos de Maquiavel foi para a consciência moderna uma divisão profunda, uma separação irremediável entre política e moralidade. " 42

E o que é muito mais terrível e significativo:

"[A noção de homem de Maquiavel] é puramente animal e seu empirismo brutal esconde dele a imagem de Deus no homem: esta obnubilação é a raiz metafísica de toda política de poder e de todo totalitarismo. " 43

Todas estas citações apenas reforçarão a convicção de muitos de que qualquer tentativa de oposição à onda maquiavélica é apenas uma simples posição sentimental, emocional, desprovida de significado político e definitivamente condenada à derrota na vida política de uma nação. É difícil supor que uma atitude ética – rígida ou abrangente – possa um dia superar a poderosa influência da concepção maquiavélica, que se baseia no instinto de conquista e dominação, poderosamente implantado na mentalidade dos indivíduos. Os governos maquiavélicos apenas incorporam os desejos íntimos das nações que lideram.

———

41 - Forez (pseudônimo de François Mauriac), Le Cahier noir, Paris, Éditions de Minuit, 1943, p. 46-47.
42 - Jacques Maritain, Princípios de uma Política Humanista, op. cit., pág. 157.
43 - Ibid., pp. 155-156.

O legionário não vê as aspirações dos indivíduos e das nações da mesma forma. Para o Legionário os sentimentos e a ética são elementos essenciais; são forças que, através de uma educação adequada, podem ser transformadas em noções e apoios políticos. A educação, a autoeducação e o exemplo constituem a arma mais poderosa contra as tendências maquiavélicas. O sentimento e a ética podem ser elementos incomuns no desenvolvimento e manutenção das relações políticas, mas não são menos importantes que a força e a imoralidade.

O Movimento Legionário parte da convicção de que o objetivo da nação, na política externa, não é a destruição de outras nações, a sua conquista, a sua humilhação e a sua exploração. O imperialismo e o colonialismo sempre lhe foram estranhos. Movimento idealista, considera a harmonia política ou social tão essencial quanto a harmonia interior do indivíduo. As nações estão necessariamente a caminhar para uma maior perfeição técnica e uma maior compreensão espiritual. Portanto, não é a conquista de territórios ou privilégios que constitui a base da humanidade, mas a ascensão na escada de uma civilização progressista e geral. Não é o ódio, a tirania, a perfídia, a força, o materialismo, que serão capazes de conduzir as nações no seu próprio caminho, mas, pelo contrário, o idealismo, a ética e o sentimento, elementos específicos da alma. A afirmação de Marc Duconseil é inteiramente justificada:

"Só o sentimento faz grandes coisas, só ele anima e conduz a existência dos homens; também é ele quem dará a vida e poderá trazer a morte ao corpo social. " 44

O legionário, apesar da poderosa influência do maquiavelismo no mundo de hoje, considera como únicos princípios motores ou princípios de força da vida social e política, aqueles elementos impalpáveis, imponderáveis, que à primeira vista parecem incapazes de qualquer acção sensata. Para que ? Porque neles reflete a substância mais pura da vida, a substância que vai além da matéria corporal e das tendências ligadas a esta matéria;

---

44 - Marc Duconseil, Maquiavel e Montesquieu, op. cit., pp. 33-34.

porque estes elementos corporizam o objetivo final da existência, independentemente das perturbações causadas periodicamente por agentes negativos que procuram dominar a mentalidade vigente.

O legionário é uma força nova, idealista no sentido puro da palavra, que se esforça para criar uma nova mentalidade, oposta ao negativismo maquiavélico. O legionário sabe que a sua luta é amarga e que estará sempre ameaçado pelas forças negativas contra as quais se opôs com entusiasmo heróico e consciente.

Ele sabe muito bem que nenhuma força no mundo pode resistir, não pode conquistar, sem um ideal. Até o maquiavelismo formou um, em nome do qual poderia justificar a sua actividade prejudicial. A noção de ideal está indissoluvelmente ligada à pessoa humana e a tudo o que ela pensa:

"Só podemos caminhar em direção a um ideal. O ideal é tão irrealizável quanto o sonho, mas, ao contrário do sonho, relaciona-se com a realidade, permite, como limite, ordenar as situações reais ou realizáveis na ordem do menor para o maior valor. " 45

Para Maquiavel, o povo é apenas um grupo de peões inconscientes no tabuleiro de xadrez das ambições principescas. O príncipe deve contar com ele, visto que o povo é mais fiel e mais dócil que os nobres, e mais facilmente manipulado:

"[...] já que o povo não pede outra coisa senão não ser oprimido. " 46

Além disso, diz Maquiavel:

"Um príncipe sábio deve, portanto, comportar-se de tal maneira que, em todos os tempos e em todas as circunstâncias, seus súditos precisem dele: assim serão sempre fiéis a ele. " 47

---

45 - Simone Weil, Opressão e Liberdade, op cit., p. 113.
46 - Maquiavel, O Príncipe, op. cit., pág. 38.
47 - Ibid., p. 40.

Por esta concepção, Maquiavel não está longe da opinião de Lao Tzu, que, 2.100 anos antes dele, sustentava que:

"Assim, a política dos sábios consiste em esvaziar a mente dos homens e encher-lhes a barriga, em enfraquecer a sua iniciativa e fortalecer os seus ossos. Seu cuidado constante é manter o povo na ignorância e na apatia". 48

nem a concepção atual do mundo em que vivemos, que aplica ideias políticas maquiavélicas, transformando o indivíduo num robô que ignora o que os líderes pensam e perseguem e nem sequer tem o direito de descobrir isso. Exatamente como no capítulo XVIII de O Príncipe:

"[...] Todos os homens têm a liberdade de ver, mas muito poucos têm a liberdade de tocar: todos vêem o que o Príncipe parece ser, mas quase ninguém sabe o que ele realmente é. "

Devido a esta duplicidade de atitudes, elevada à categoria de norma política essencial, foi possível sustentar que:

"[...] aqui está a verdadeira originalidade de Maquiavel: tudo se resume a esta convicção de que o governo é uma arte independente num mundo imperfeito. " 49

O Legionarismo admite a imperfeição do mundo em que vivemos e, como resultado, percebe que governar é uma arte muito delicada. A divergência de opiniões surge quando se trata dos meios e da maneira como os fins políticos devem ser alcançados. O maquiavelismo baseia-se em fórmulas que são em grande parte materialmente eficazes, mas desprovidas das qualidades que podem melhorar o espírito e enobrecer a actividade de um governo.

O legionário é uma interpretação otimista da vida, diferentemente da concepção de Maquiavel que, no que diz respeito ao homem, personifica a forma mais pessimista e cética.

---

48 - Lao Tzu, 3-B (citado por Garnier, L'esprit du Tao, Paris, Flammarion, 1957, p. 144).
49 - Allan H. Gilbert, Príncipe de Maquiavel e seus precursores. O Príncipe como livro típico "De Regimine Principium", Duke Univ. Imprensa. 1938, pág. 235.

Todos os defeitos que Maquiavel considera definitivos no ser humano, o Movimento Legionário descreve como acidentais e, portanto, transitórios. Estratificados na mente do indivíduo por causas múltiplas e diversas, esses defeitos não podem durar para sempre se suas causas forem influenciadas por meios adequados. O pessimismo de Maquiavel nega qualquer possibilidade de evolução e progresso. Como bem afirma Luigi Bottigliero:

"Falta a ideia de progresso e desenvolvimento na doutrina de Maquiavel, porque, embora levado a contemplar a história como um belo quadro já acabado e real em si, não conseguia concebê-la como um produto eterno do espírito humano. " 50

O legionário, pelo contrário, vê no homem a matéria nobre e excepcional que pode ser transformada, que pode ser empurrada para o mal, mas com a mesma facilidade para o bem, e através da qual uma sociedade pode crescer para crescer ou cair. Contudo, não esqueçamos o verdadeiro significado destas palavras: trata-se de elevação ou colapso espiritual, os únicos que podem ter um significado profundo, histórico e social, indo além dos elementos económicos, técnicos ou militares. É por isso que o Legionário é otimista. Ele acredita na elevação do homem espiritual e, através dele, da sociedade. Este otimismo baseia-se num princípio indiscutível: nenhuma melhoria puramente material conseguiu produzir elevação espiritual, enquanto a menor melhoria no reino espiritual trouxe uma mudança para o bem na mentalidade e no comportamento do indivíduo, mudança que por sua vez trouxe melhoria material na sociedade. É por isso que a opinião de Didier de Roussillon é mais do que uma figura de linguagem, quando diz:

"É necessário eliminar do homem a crença de que qualquer melhoria técnica ou material leva a uma melhoria paralela em outras ordens de atividade humana. " 51

É precisamente nesta noção que Corneliu Z. Codreanu, muito antes, viu a única salvação.

_____

50 - Luigi Bottigliero, Maquiavel, op. cit., pág. 166.
51 - Didier de Roussillon, Introdução à política, op. cit., pág. 31

O Legionário acredita no homem e nas suas disposições potenciais, neste tesouro de qualidades que SÓ ELE POSSUI e SÓ ELE PODE DESENVOLVER. O legionário não parte da convicção de que o indivíduo, e portanto a política, são o que têm sido desde que o mundo era mundo e que, consequentemente, nada pode transformá-los, nem melhorá-los, nem mesmo detê-los no caminho que já percorreu. foi estabelecido para eles. Parte da ideia de que, na vida psíquica do indivíduo, assim como na vida social do Estado, não há estagnação, não há formas determinadas e eternas.

Pelo simples facto de Maquiavel ter pedido ao homem que fosse mais pérfido, mais intransigente, mais perverso que outro, se quisesse conquistar um lugar de escolha na sociedade e mantê-lo, temos mais uma prova de que o Legionário tem razão quando afirma que o homem é perfectível. Porque, se podemos pedir a este homem que se torne "mais" no sentido negativo da perfeição, não podemos negar-lhe o mesmo direito e a mesma possibilidade no outro sentido. Se um indivíduo pode ser "mais pérfido" para atingir um objetivo, ele pode, com a mesma facilidade, tornar-se "mais honesto", "mais correto", "mais humano", "mais compreensivo"…

Ambas as doutrinas partem do elemento homem. Mas que diferença entre eles! O homem maquiavélico é o homem em tudo o que há de mais abjeto e carnal. Paixões e ambições, egoísmo e tirania, tudo se mistura confusamente para determiná-lo e intoxicar seus sonhos. Ele é o homem do passado sombrio e violento, é o homem que não quer evoluir, transformar, ascender. Nada o redime nas suas acções políticas, nem mesmo a realização dos seus desígnios, porque não se segue nenhuma mudança para o bem da comunidade.

Todas as avaliações que Maquiavel faz do homem emanam da convicção de que os indivíduos são sempre os mesmos e não mudam com o tempo. Observação prática, baseada na história, que corresponde sem dúvida a uma realidade social. Assim eram os homens no passado, e também o eram na época de Maquiavel. Você poderia até dizer que eles ainda são os mesmos hoje.

O que podemos, porém, censurar ao grande florentino é ter considerado definitivos os dados existentes e ter lançado no circuito político a convicção da incapacidade do homem de evoluir espiritualmente. Em vez de uma evolução gradual, Maquiavel estabelece os princípios da evolução regressiva, dando ao homem, através deste modo de ver as coisas,

a impressão – senão a certeza – de que só uma atitude violenta e amoral pode garantir-lhe "um lugar ao sol".

Todo o pessimismo de Maquiavel vem da desconfiança que tem dos homens e da convicção de que não há mais nada a fazer para mudar a situação. Então, como diz um autor alemão:

"A condenação dos homens é sempre predominante, inexorável, subjuga as ideias. Todo pensamento revela pessimismo; de cada palavra sobre política vem o desdém pelos homens. " 52

Pode-se dizer que durante o Renascimento a descoberta mais importante foi o homem, que se tornou centro de interesse e atração; Da mesma forma, o Legionário enfatiza esta entidade superior, querendo assim estabelecer e confirmar que ela é o verdadeiro elemento da vida e dos organismos políticos.

O homem da Renascença rompeu com a sufocante atmosfera medieval através de uma manifestação brutal de instintos primários. O contraste é marcante entre o homem submisso da Idade Média e o arrogante condottiero da Renascença. Os instintos mais baixos dominam a luta entre estes indivíduos soltos, que nenhuma regra superior, nenhuma autoridade organizada pode dominar, ou, pelo menos, abrandar o seu ímpeto de afirmação política. Maquiavel, impressionado com este estado de coisas, não vê outra possibilidade para os chefes de Estado senão fortalecer os instintos, exagerar os defeitos ancestrais, porque:

"O indivíduo como indivíduo é sempre egoísmo, maldade ignóbil, pecado original, e quem diz maldade diz a bestialidade primária do homem, quando ele ainda não estava sob a vontade de outros homens, que poderiam corrigi-lo, limitar sua avareza e seu amor de poder. " 53

_____

52 - Oskar von Wertheimer, Maquiavel, op. cit., pág. 170.
53 - Luigi Russo, Maquiavel, op. cit., pág. 249.

Desde a Renascença, estas características primárias do indivíduo apenas se desenvolveram e envenenaram a atmosfera social e política. Para que ? Porque ninguém pensou na possibilidade de uma transformação íntima do ser humano. Por outro lado, todos procuraram desenvolver ao máximo os seus instintos. Em vez de combatê-los, glorificámo-los, elevámo-los à categoria de axiomas políticos, transformados em regras essenciais de comportamento. Nenhum estadista ousou atacar a estrutura corrupta do homem, produto de uma educação errônea. Pelo contrário, pelo seu próprio exemplo, cada um deles reforçou o antigo erro de comportamento, embora, nem por um momento, não tenha deixado de condenar e deplorar a imoralidade, o egoísmo, a astúcia, a perfídia, utilizados nas relações políticas e sociais por… outros. .

Corneliu Zelea Codreanu teve a coragem de reagir porque percebeu a gravidade das realidades políticas e sociais; por outro lado, ele foi capaz de fazer isso porque tinha integridade. Melhor do que qualquer outro político romeno, ele compreendeu que:

"Não existe, portanto, função social mais séria e sagrada, e que exija um sentido de dever mais profundo, do que a de semeador de ideias no solo social. "

54

Num mundo corrupto e sem ideais mais elevados, ele violou leis maquiavélicas. Ele se manifestou contra os preceitos arraigados que constituíam os elementos normais do comportamento social e político.

O legionário não redescobriu o homem, mas abriu-lhe novas perspectivas. Pela aplicação hipertrofiada dos instintos primários, o homem perdeu contato com a realidade espiritual, com a linha de evolução moral da espécie. O homem estava em decomposição. De um simples animal, ele se tornou uma fera.

Corneliu Z. Codreanu, desde o início, nunca olhou para o indivíduo como uma entidade de vontade, cuja importância aumenta à medida que as conquistas progridem, independentemente dos meios empregados.

———————

54 - Salvador de Madariaga, Da angústia à liberdade, Paris, Calmann-Lévy, 1954, p. 44

"Partimos da ideia do homem como valor moral" 55

disse Corneliu Z. Codreanu, derrubando com esta simples frase toda a concepção utilitarista mantida no mundo desde Maquiavel até hoje. A moralidade recuperou o seu lugar na vida pública, abrindo novos horizontes nas relações políticas e no comportamento humano. Vasile Marin, completando a ideia básica do Capitão, esclareceu por sua vez:

"Esse desapego supremo da matéria, essa espiritualização, o legionário só sentirá após o seu próprio aperfeiçoamento, depois de ter alcançado a sua própria educação. Os legionários elevam-se acima da vida cotidiana, além da vida física de cada um de nós. Esta vontade – que não é uma ascese imposta em vista de uma meta a alcançar, talvez sublime – esta consciência, que se alcança superando-se, pode constituir a pedra angular do legionarismo de amanhã. "56

Sob a influência benéfica dos preceitos legionários, um novo espírito cívico cristalizou-se na sociedade romena, porque:

"Ter espírito cívico significa ter em conta, no pensamento e na acção, tanto e mais o interesse geral como o próprio. "57

O homem, simples indivíduo ou líder, já não poderia realizar-se através de uma simples atitude de oportunismo, através de manobras ocultas ou violentas, mas através da reintegração na linha de conduta da dignidade e da honra. A infinita gama de meios duvidosos e mesquinhos para o conseguir, que estragaram completamente a mentalidade da humanidade, estava finalmente a ser combatida, directamente, no terreno mais contaminado pela sua influência nociva: o domínio político.

Contudo, o grande mérito de Corneliu Z. Codreanu foi colocar esta luta pela moralização, não mais exclusivamente no nível externo da organização social, mas nas profundezas caprichosas e instáveis da alma. Ele entendeu que é aí, e somente aí, que grandes mudanças podem ocorrer.

———

55 - Corneliu Zelea Codreanu, Para Meus Legionários, op. cit., p. 242.
56 - Vasile Marin, Crez de generaţie, op. cit., pág. 237-38.
57 - Jean Barthelemy, Estrutura e dimensões da liberdade, Paris, Ed. de l'École, 1956, p. 248.

AS VERDADEIRAS REVOLUÇÕES ESTÃO ÍNTIMAS, na base do ser humano. Para tal transfiguração, não basta derrubar alguns andaimes institucionais e instalar um novo regime à frente da administração; requer a modificação profunda de toda uma psicologia. É por isso que as formas de educação utilizadas para atingir esse fim eram totalmente diferentes daquelas elencadas por Maquiavel. Onde isso leva o homem a ser leão ou raposa, ou a apenas se mostrar bom às multidões para poder oprimi-las mais facilmente, visto que o que importa é:

"..... tome o poder e [...] mantenha-o. " 58

Ou :

"Todo homem será bom, desde que tenha sucesso. " 59

Corneliu Z. Codreanu assume uma posição completamente oposta:

"O legionário quando entra na Legião diz: Da minha parte não quero nada. " 60

Ou:

"O novo Estado pressupõe antes de tudo, e como algo indispensável, um novo tipo de homem. Não se pode imaginar um novo Estado, com homens cheios de pecados antigos. " 61

Ou novamente:

"Neste novo homem, todas as virtudes da alma humana devem ser ressuscitadas [...]. Neste novo homem todos os efeitos do mal e todas as inclinações para o mal devem ser aniquilados. " 62

---

58 - Maquiavel, O Príncipe, op. cit., pág. XI.
59 - Maquiavel, O Príncipe, op. cit., pág. XV
60 - Corneliu Zelea Codreanu, Cărticica şefului de Cuib, op. cit., p. 84.
61 - Ibidem, p. 87.
62 - Ibidem, p. 88.

É por isso que podemos afirmar que o antimaquiavelismo legionário não é uma simples fórmula circunstancial, mas um verdadeiro antagonismo constitucional. Entre o legionário e o maquiavelismo surge um conflito de preceitos, centrado na mediana que separa a política da moral. Se a concepção do grande florentino – condicionada pelos acontecimentos da época – se deixou levar por uma condenação do elemento moral para admitir na acção política apenas a explosão do impulso vital, o grande homem das regiões moldavas – numa época tão conturbada como a do Renascimento – optou pelo caminho oposto. Não o apelo às características negativas do indivíduo, mas o apelo ao aspecto mais elevado e mais difícil de alcançar do espírito humano.

Um deu à força uma base um tanto doutrinária, enquanto o outro inverteu as premissas, convocando o indivíduo a uma luta consigo mesmo para aniquilar os instintos atávicos de dominação e humilhação de seus semelhantes. O que pôs em causa a própria supremacia da política. Além disso, os teimosos defensores de Maquiavel reconhecem que:

"A política não é toda a vida do espírito humano, mas apenas um momento dela; o politicismo puro e energético de Maquiavel é válido porque arranca o homem da sua feminilidade, mas isso não esgota os problemas do homem; pelo contrário, na sua tentativa falaciosa de querer resolver tudo sub specie utilitatis, ele estraga esta virtù – princípio da nova religião. " 63

Se a vontade maquiavélica foi dirigida para fora com a intenção definida de adquirir a maior influência política e manter um estado favorável ao "imperialismo" pessoal, a vontade legionária é dirigida para dentro da alma num esforço supremo de transformação espiritual, capaz de fazer nascer uma alma. nova forma de pensar a política. A premissa da nossa doutrina, esta ideia, encontraremos em cada pensamento ou ação Legionária:

———

63 - Luigi Russo, Maquiavel, op. cit., pág. 243.

"O legionário é o homem que vive a sua vida interiormente, em oposição aos pregadores "civilizados" do materialismo histórico, que a vivem exteriormente. " 64

O homem maquiavélico foi e ainda é um ser que procura dominar e impor-se por todos os meios, mesmo os mais censuráveis. O legionário também procura impor-se, mas apenas por meios dignos de um homem de honra.

Além disso, os desvios da doutrina de Maquiavel são hoje tão grandes que nenhuma reconciliação é possível entre ela e a doutrina legionária. Infelizmente, os maquiavélicos e as maquiavélicas são extremamente numerosos no nosso tempo, irreconciliáveis e teimosos, convencidos da superioridade de uma atitude que depende apenas da força bruta. No entanto, não devemos esquecer nem por um momento que:

"A arte de governar não pode basear-se, como acreditava Maquiavel, apenas no cálculo, porque esta arte exige uma compreensão profunda da alma humana, uma perfeita harmonia de sentimentos entre o líder e a multidão. A multidão não é boa nem má; o líder pode torná-lo bom, se ele próprio for realmente bom. Ele pode torná-lo capaz de qualquer sacrifício pela defesa da pátria, da fé, da moralidade, pela conquista de uma cultura superior, se ele próprio estiver animado pelo mesmo espírito de sacrifício. " 65

O aparecimento do Movimento Legionário, com a sua doutrina espírita e antimaquiavélica, constituiu um sinal benéfico para os nossos tempos. Foi a afirmação de uma posição espiritualista em meio ao materialismo sem limites, que se manifestou em todas as camadas sociais. Foi o sinal visível da consciência universal em luta com os instintos primários do indivíduo. Nada nos agrada mais do que a tendência actual dos pensadores políticos estrangeiros em direcção às ideias fundamentais do Movimento Legionário.

---

64 - Vasile Marin, Crez de generaţie, op. cit., pág. 182.
65 - Traian Brăileanu, Sociologia si arta guvernării, op. cit., p. 38

Assim, Learned Hand, ao final de uma obra rica em consequências (The Spirit of Liberty), consegue dizer, 25 anos depois de Corneliu Zelea Codreanu, que:

"a arte de governar encontra o objeto de seu estudo na alma humana. " 66

É como um bálsamo benéfico, ainda mais doce porque vem de um adversário feroz.

Quis o destino que este antimaquiavelismo – que, hoje, se confunde com a luta pela libertação dos povos – apareceu no seio da nação romena. Nós, os legionários, fomos os primeiros a compreender o seu chamado e a sacrificar-lhe os primeiros mártires. Esperamos que os sacrifícios feitos com tanta convicção não tenham sido em vão.

*

**

Neste momento, um quarto de século após a morte de Moța e Marin como heróis de uma nova crença, estejamos mais convencidos do que nunca da vitória dos preceitos morais sobre o princípio da força. Os legionários, que participaram na guerra civil espanhola, não eram mercenários de nenhum imperialismo maquiavélico, mas mensageiros de uma crença na base da qual brilhava a espiritualidade cristã. Criados no espírito de honra e dignidade, arderam em defender as leis características da nova tendência, mesmo que essa luta fosse desproporcional, mesmo que fosse inútil. Foi a sua forma de afirmar, através dos factos, a doutrina antimaquiavélica do Movimento Legionário, através deste protesto de sacrifício, de sangue derramado pela defesa dos direitos e da liberdade dos outros.

———————

66 - Learned Hand, The Spirit of Liberty, Paris, Ed. pombal du Vieux, 1957, p. 312. * [Nota do editor] Líderes da Guarda de Ferro, Ion Moța e Vasile Marin engajaram-se contra o comunismo durante a Guerra Civil Espanhola. Eles caíram na frente em 13 de janeiro de 1937.